



A Teia Discursiva em Avatar¹

Dilermundo Gadelha de VASCONCELOS Neto²

Caroline Soares de ARAÚJO³

Netília Silva dos Anjos SEIXAS⁴

Universidade Federal do Pará

Resumo: A Teia Discursiva em Avatar é um artigo apresentado na disciplina Comunicação e Teorias da Linguagem do Curso de Comunicação da Universidade Federal do Pará. O objetivo do trabalho é evidenciar os vários níveis de discursos presentes no filme americano e que conversam entre si, no que o teórico Mikhail Bakhtin chama de dialogismo, de modo a construir um discurso ambiental que tem na película como um todo o seu agente enunciador. Entre os vários discursos encontrados estão os do dominado, do dominador, religioso, científico, militar, econômico e o nativista. Para a análise foi utilizado o referencial teórico da Análise do Discurso, da Filosofia e da História.

Palavras-chave: Análise do Discurso; Avatar; Dialogismo; Ambientalismo; Comunicação.

Introdução

“[A linguagem] não pode ser encarada como uma entidade abstrata, mas como um lugar em que a ideologia se manifesta concretamente”, é o que diz Brandão (1995) sobre o fenômeno da linguagem, que se encontra no cerne de todas as relações sociais e mesmo pessoais do ser humano. Entende-se por linguagem a maneira pela qual os seres se comunicam, produzem sentido e representam a realidade.

O caráter ideológico da linguagem provém do fato de os signos lingüísticos serem marcados por discursos com ideologias contrastantes, já que um mesmo sistema lingüístico é utilizado por classes sociais diferentes. De acordo com Barros (1999)

(...) em todo signo [lingüístico] se confrontam índices de valor contraditório e que, em suma, ‘o signo se torna a arena onde se forma a luta de classes’. Caracterizada dessa forma, a língua não é neutra (...) (BARROS, 1999. pág. 8)

A partir do momento em que a linguagem alcança uma manifestação prática, surge o discurso, mecanismo que, segundo Maingueneau (2001), seria um sistema ideológico que permite produzir um conjunto de enunciados.

¹ Trabalho apresentado no IJ 8 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação do Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte realizado de 1 a 3 de Junho de 2011

² Estudante do 5º Semestre do Curso de Comunicação – Jornalismo da UFPA, e-mail: dgvneto@hotmail.com

³ Estudante do 5º Semestre do Curso de Comunicação – Jornalismo da UFPA, e-mail: csaraujo1@gmail.com

⁴ Orientadora do Trabalho, Professora da Faculdade de Comunicação da UFPA, e-mail: netilia.aula@gmail.com



O audiovisual também se constitui como um lugar de conflito discursivo justamente por sua natureza linguística. Dentro desta categoria, os filmes se destacam por serem uma forma de comunicação voltada para as massas, com um grande poder de influência cultural.

É nessa perspectiva que propomos, neste artigo, uma análise dos discursos presentes no longa-metragem *Avatar*, dirigido pelo americano James Cameron. É importante frisar que o filme liderou as bilheterias mundiais por um longo período e bateu recordes de público, trazendo à tona uma temática recorrente no século XXI: A preservação ambiental e as lutas de poder envolvidas nela.

Os discursos presentes no filme são reciclagens de sentidos já apresentados em vários debates, como a colonização das Américas e também de uma postura anarquista com relação ao primitivismo. Dessa forma, também pretendemos expor a intertextualidade e a polifonia como fatores de construção de sentido recorrente em *Avatar*.

Metodologia

Para concretização do proposto, utilizamos o filme *Avatar* (2009), além de pesquisa bibliográfica sobre os conceitos postulados na Análise do Discurso com relação a discurso, enunciado e enunciação, presentes em Possenti (1995) e Maingueneau (2001). As noções de polifonia e intertextualidade foram baseadas na teoria de Mikhail Bakhtin que se encontra nos escritos de Maingueneau (2001) e Barros *et al* (1999).

A explicação de alguns discursos do filme está baseada em alguns autores da filosofia, como Augusto Comte (2007) e Jean Jacques Rousseau (2010).

Para a análise prática do longa-metragem, foram identificados os discursos presentes, pontuando-se seus processos e estratégias enunciativas. As falas dos personagens, originalmente em inglês, foram traduzidas a partir das legendas oficiais em português.

Nas Considerações Finais do trabalho, fizemos nossa conclusão a partir de uma comparação entre o filme e uma fotografia do garimpo de Serra Pelada, no Pará; Também comparamos com os longas da Disney *Pocahontas* (1995) e *Atlantis* (2001).

Um breve histórico de Avatar

O filme se passa na lua Pandora, que possui uma fauna e flora totalmente diferentes das encontradas na Terra. O satélite é habitado por uma população de alienígenas azuis, chamados Na'vi, que são maiores e mais fortes que os seres humanos.



O eixo da história está no fato de os Na'vi morarem em um lugar onde se encontra a maior concentração do minério *unobtainium*⁵. O minério chama a atenção dos humanos por possuir um valor econômico alto: 20 milhões de dólares por quilo.

Para sobreviver na atmosfera, que possui um ar tóxico para a raça humana, e se misturar aos nativos de Pandora, um grupo de cientistas, liderados pela Doutora Grace Augustine, cria os avatares. Eles são uma espécie de “boneco Na'vi” com o genoma do humano e conectado por meio de tecnologia à sua mente. O fuzileiro Jake Sully, por ser irmão gêmeo de um dos cientistas, que foi morto, é escolhido para se unir ao avatar destinado ao seu irmão.

Em sua primeira experiência como avatar, Jake acaba se perdendo nas terras selvagens de Pandora. Ele é atacado por animais ferozes e salvo pela nativa Neytiri, que o leva para a sua aldeia após um sinal da sua divindade.

O fuzileiro é usado pelos cientistas para entrar em contato com a tribo, conhecer seus costumes e convencê-los a deixar sua morada. No entanto, Jake também passa informações para os militares, que pretendem destruir o lugar, caso o objetivo primário não seja alcançado. Jake acaba se apaixonando pela cultura Na'vi e por Neytiri, o que ocasiona o conflito armado entre os humanos e os alienígenas.

Ficha técnica

Direção, roteiro e produção: James Cameron

Elenco: Sam Worthington, Sigourney Weaver, Michelle Rodriguez, Zoe Saldana, Giovanni Ribisi, Joel Moore.

Produção: Jon Landau.

Fotografia: Mauro Fiore

Trilha Sonora: James Horner

Duração: 150 min.

Ano: 2009

País: EUA

Gênero: Ação

Distribuidora: Fox Film

Estúdio: Twentieth Century-Fox Film Corporation / Lightstorm Entertainment / Giant Studios

A teia discursiva em Avatar

⁵ O termo, oriundo da Engenharia, significa qualquer coisa extremamente rara, praticamente impossível de ser obtida.



No filme Avatar, os discursos formam uma espécie de teia, na qual uma série de enunciados são utilizados para formar dois discursos principais. Esses, por sua vez, formam um discurso que tem no filme, como um todo, o seu sujeito enunciativo. Vale atentar que esse sujeito enunciativo não é necessariamente a pessoa física que produz o discurso, mas qualquer entidade enunciativa à qual o discurso é creditado em dado momento.

Essa teia discursiva presente no filme pode ser explicada pelo conceito de dialogismo em Bakhtin. Entende-se esse fenômeno não apenas como diálogo interpessoal, mas como diálogo entre dois ou mais textos, vozes, enunciados dentro de um discurso. Dessa forma, dialogismo é entendido como “(...) a característica essencial da linguagem e princípio constitutivo, muitas vezes mascarado, de todo discurso. O dialogismo é a condição do sentido do discurso” (BARROS,1999. p.2)

As vozes “menores” dentro do filme são construídas não somente pelas falas dos vários personagens, mas também pelos seus gestos, pelo cenário, figurino e ângulo das tomadas do filme.

Em Análise do Discurso, o diálogo entre os personagens, as falas de cada um, caracterizam os enunciados. Já a maneira como essas falas são produzidas, o processo pelo qual as palavras são proferidas, é o que se chama de enunciação.

Para se fazer uma análise, é importante levar em consideração não só os enunciados, mas também a enunciação, pois, segundo Possenti (1995), “há efeitos de sentido produzidos pelo próprio ato de falar” (p 3). Ou seja, além do conteúdo dos enunciados, a própria maneira de se falar já é dotada de uma carga de significação.

Identificamos, assim, os dois principais discursos presentes na película. São eles o do conquistador e do conquistado. Ao longo do filme, as estratégias pelas quais esses dois discursos são construídos deixam clara a existência de um discurso ambientalista, mais abrangente, creditado ao filme como entidade enunciativa.

1. Discurso do conquistador

O chamado discurso do conquistador em Avatar engloba diversos enunciados que legitimam a ação dos seres humanos em Pandora. Esse discurso é baseado numa ideologia de dominação, poder e superioridade entre nações, objetivando uma série de benefícios, como anexação de terras, força de trabalho, acúmulo de riquezas, entre outros.

Tal ideologia pode ser identificada em vários momentos relevantes da história mundial. Alguns exemplos reais são a estrutura militar-econômica do Império Romano,

a colonização das Américas (conquista do Novo Mundo) e as políticas imperialistas dos países europeus no século XIX.

Em 00:03:13 do filme, Jake Sully utiliza uma terminologia própria da visão tradicional dos conquistadores em relação aos seus conquistados: "Seria um novo começo. Um Novo Mundo."

Posteriormente, essa ideologia foi legitimada pelo pensamento positivista, baseado na concepção moderna de ciência e evolução, que tem como seu fundador Augusto Comte (1798- 1857). Comte (2007) parte do princípio de que o tempo é uma linha contínua e homogênea e os períodos acumular-se-iam de tal modo que tudo tenderia para um melhor resultado com relação ao que aconteceu anteriormente. Dessa forma, o tempo seria um fator de aperfeiçoamento dos seres.

Chauí (2003) mostra como essa concepção de tempo legitima uma relação hierárquica entre os povos: "Evolução e progresso são a crença na superioridade do presente em relação ao passado e do futuro em relação ao presente. Assim, os europeus civilizados seriam superiores aos africanos e aos índios." A missão dos seres humanos em Pandora seria, então, semelhante aos ideais europeus quando colonizaram as Américas: trazer toda a "civilização" para um povo pagão, que desconhecia as relações do capital e vivia nos moldes das primeiras sociedades humanas. Os Na'vi, inclusive, são identificados como o Segundo Estado da Humanidade, segundo Comte, estágio em que as explicações para o mundo encontram-se em entidades metafísicas ligadas à natureza. Assim, os Na'vi são, filosoficamente, um povo inferior aos humanos, que se encontram no terceiro estágio (explicações científicas). O coronel Miles Quaritch se refere aos nativos como "selvagens" (00:22:53).

Como estratégias enunciativas, o discurso do conquistador se constitui não apenas pelos discursos "menores" especificados (a seguir), mas também pela construção do ambiente do filme. Em Avatar, Pandora é representada como uma floresta ao mesmo tempo exótica e selvagem, com plantas e animais desconhecidos e extremamente hostis.

Quaritch fala em 00:06:53: "Se há um inferno, podem querer ir para lá para relaxar depois de uma turnê em Pandora. Lá fora, além daquela cerca, toda criatura viva que rasteja, voa ou chafurda na lama quer matar você e comer seus olhos como jujubas!". A fala do coronel evidencia a visão ameaçadora que o conquistador tem de Pandora. Em outra cena, novamente o coronel afirma essa imagem: "Se você fica mole, Pandora acaba com você sem nenhum aviso prévio".



Essa estratégia é utilizada pelo discurso do conquistador tendo em vista construir uma imagem caótica da natureza, que os humanos precisam conquistar, antes que ela os destrua. O coronel se refere ao território dos Na'vi como “território inimigo” (00:22:47).

A polifonia é um princípio proposto por Bakhtin e que consiste na existência de várias vozes (discursos) atravessando outro discurso e lhe dando subsídios para sua própria construção. Desse modo, o discurso do conquistador, no filme, é composto pelos discursos econômico, militar e científico.

- A. Discurso econômico - que tem como sujeito enunciador Parker Selfridge, empresário e administrador da Estação humana em Pandora. Ele carrega o estereótipo do executivo, que é ganancioso, egocêntrico e que visa somente os lucros, fazendo de tudo para alcançá-los. Vê o satélite apenas como uma fonte de dinheiro. Ele vê Jake como um meio de alcançar seus objetivos “Nós podemos usar um fuzileiro. Vou colocá-lo na sua equipe como segurança.”. Ao ser contestado por Grace, Parker Selfridge diz:

Não era para você conseguir a confiança dos nativos? Seu show de marionetes não serve para isso? Parecendo e falando como eles, vão confiar na gente. Construímos uma escola, ensinamos nossa língua, mas depois de quantos anos? Nossa relação com os nativos só piora!

Em seguida, ele pega um fragmento de *unobtainium* e diz:

É por isto que estamos aqui, porque essa pedrinha cinza custa 20 milhões o quilo. Esta é a única razão. É o que paga a festa toda. É o que paga a sua ciência, entendeu? Agora estes selvagens estão ameaçando nossa operação, estamos a beira da guerra e você deveria achar uma solução diplomática.

- B. Discurso militar - tem como sujeito enunciador Coronel Miles Quaritch, militar que enxerga Pandora como um ambiente inóspito, selvagem e hostil, que precisa ser domado. O personagem apresenta o estereótipo do militar que não acredita em diplomacia. Ele afirma em 00:22:20 “Esse programa Avatar é uma piada de mau gosto, um bando de cientistas que ‘se acham’. No entanto, isso será uma grande oportunidade”. Depois, ele fala “Eu quero saber como forçá-los a cooperar ou destruí-los caso não aceitem” (00:22:58)
- C. Discurso científico - tem como sujeito enunciador a Dra. Grace Augustine, cientista que enxerga o satélite como uma fonte de conhecimento científico e



por isso justifica suas ações. Como estratégias enunciativas para a construção desse discurso dentro do filme, percebemos a maneira como a personagem é estereotipada. Grace é aquele tipo de cientista que só se preocupa com suas pesquisas e por isso não liga para saúde, estética e crenças religiosas.

Algumas das falas da Doutora são bastante ilustrativas do discurso em que a personagem está inserida: “Eu sou uma cientista, não acredito em contos de fadas”, referindo-se à crença dos Na’vi na natureza como uma entidade sagrada; “Preciso coletar amostras”, enunciado produzido por Grace quando, à beira da morte, é levada para um ritual de transmutação de corpos na árvore sagrada dos Na’vi.

Este é um discurso híbrido no enredo, já que é usado tanto para legitimar o discurso do conquistador quanto do conquistado.

2. Discurso do conquistado

É o discurso que se opõe ao do conquistador, defendendo uma posição mais humanística com relação aos acontecimentos que se passam em Pandora. Esse discurso também é baseado em experiências anteriores à produção do filme.

Na história, temos como exemplo o movimento hippie, contrário não só à guerra do Vietnã (1959-1975), como a todo o paradigma americano do período da Guerra Fria. Atualmente, temos os movimentos ambientalistas institucionalizados em ONGs e também algumas religiões que têm na Natureza suas entidades sagradas. Identificamos, assim, os discursos por trás da enunciação dos “conquistados”:

- A. Discurso Religioso - restrito à população Na’vi. Eles defendem a preservação de todo o meio ambiente, pois acreditam que a sua divindade maior, Eywa, seja a própria Natureza⁶. Essa crença influencia toda a filosofia de vida dos Na’vi, que se recusam a matar e destruir - com fins lucrativos - a biosfera. Um dos exemplos do discurso religioso no filme é o reconhecimento de Jake como Toruk Macto, uma espécie de messias primitivo, que vem salvar o povo nos momentos de maior tormento. Outra estratégia enunciativa é o próprio nome do filme, que para a religião hindu significa “escolhido”, outra identificação com a ideia de messias.

⁶ Essa concepção religiosa está ligada ao panteísmo (do grego, “pan” = todos e “teísmo” = crença em uma divindade), crença de que uma divindade se encontra em tudo. No caso dos Na’vi, Eywa está em todos os fenômenos da Natureza.



- B. Discurso Nativista - tem como sujeitos enunciadorees a população Na'vi, que se nega a abandonar suas terras para usufruto dos humanos. O nativismo, de acordo com a Antropologia, traduz-se no sentimento de pertencimento de um dado povo tanto à sua cultura quanto ao território. Em Avatar, esse sentimento faz-se presente em vários momentos, como quando eles se negam a deixar a Casa da Árvore (sobre a reserva de *unobtainium*) ou quando se recusam a aprender a língua e os costumes americanos.
- C. Discurso Científico - também enunciado por Grace e pelos outros cientistas, prega a preservação do ecossistema de Pandora a partir de dados científicos coletados pela doutora (uma ligação, semelhante a dos neurônios, entre todos os seres do satélite). Grace não gosta da intervenção dos outros discursos (econômico e militar), se referindo aos militares como “idiotas com armas” (00:25:30). Ao discutir com Parker, ela diz “Eu preciso de um pesquisador, não de um militar cabeça de prego”. (00:13:17)

3. Jake, o copo vazio de discurso

Segundo Bakhtin (1986), nenhum discurso é neutro, assim como nenhuma língua, já que eles são o campo de embate entre as classes sociais, seus interesses, suas ideologias, visto que “(...) uma única língua produz discursos ideologicamente opostos”. (Barros, 1999. p 8).

Apesar disso, Jake Sully é um personagem que transita entre discursos dicotômicos, pois é um copo vazio, como ele mesmo se considera. Ao longo do filme, Jake passa por várias etapas de descobrimento do seu próprio discurso. No início, faz parte do discurso do conquistador, por adotar uma postura mercenária, colaborando com os militares para curar suas pernas. Primeiramente, ele se refere à natureza de Pandora de forma irônica: “Se amava seus amigos da floresta, porque não deixou me matarem?” (00:39:15)

Quando começa a ter contato com a cultura Na'vi, o fuzileiro passa por uma fase de conflito, pois a partir da relação com a população Omaticaya ele questiona quais os seus princípios. Ele começa a gostar dos costumes Na'vi sem, contudo, deixar de lado seu objetivo inicial. O conflito chega ao ápice quando Jake não sabe mais nem quem ele próprio é, tendo uma “vida dupla”.

Após o conflito, Jake apropria-se do discurso do conquistado, pregando suas ideologias e lutando pela sua sobrevivência, mesmo que seja contra sua própria raça. A



mudança de discurso faz com que Jake lute ao lado dos Na'vi, evidenciando uma das características discursivas de Maingueneau (2001), que é o discurso como ação.

A estratégia enunciativa do filme para simbolizar essa mudança discursiva é a passagem permanente da “alma” de Jake para o corpo de seu avatar, com a permissão da divindade Eywa.

O discurso final

Dentre todas essas “vozes” explicitadas acima, identificamos o discurso ambientalista como o discurso central no filme. Ele não fica restrito somente a um personagem, mas é reproduzido pelo povo Na'vi, pelos cientistas, por Jake Sully (após sua mudança) e pelo próprio filme, aqui entendido como sujeito enunciador maior.

O discurso ambientalista em Avatar defende a preservação da natureza de Pandora e do modo de vida dos Na'vi. Além disso, implicitamente, o filme chama o espectador para a reflexão quanto aos problemas ambientais reais que o planeta Terra enfrenta, já que é inevitável fazer um paralelo entre Pandora e a questão da usina de Belo Monte no Pará, por exemplo. Em outros momentos, a semelhança entre o ambiente de Pandora e a Floresta Amazônica e Serra Pelada surge como uma estratégia discursiva do filme, novamente para instigar o espectador a fazer essa comparação.

Esse discurso possui o que Bakhtin chama de “outras vozes do discurso”, pois é atravessado pelo discurso anarco-primitivista e pelo mito do bom selvagem. Como eles são “invisíveis” no discurso ambientalista, evidenciamos aqui o fenômeno da monofonia, “quando o diálogo é mascarado e uma voz, apenas, faz-se ouvir” (BARROS, 1999, pág. 6).

O anarco-primitivismo é uma corrente radical ambientalista, ligada ao ideal anarquista de negação às instituições e hierarquias. Esse movimento propõe uma quebra total com a civilização e a volta ao modo de vida das primeiras sociedades humanas.

Alguns teóricos defendem que os problemas foram gerados pela Revolução Industrial, enquanto outros afirmam que instituições construídas ao longo da História também são entidades perversas ao desenvolvimento do homem entre si e com a natureza. No filme Avatar, o modo de vida primitivo dos Na'vi, muito semelhante aos dos indígenas, é mostrado como o modelo ideal de sociedade. A mãe de Neytiri, uma espécie de xamã, fala para Jake Sully no início do filme: “Aprenda bem, jakesully, então saberemos se sua insanidade pode ser curada” (00:47:21), para se referir ao comportamento dos seres humanos.



No desfecho do longa, a civilização humana é mandada de volta para a Terra, considerado um planeta “doente”, e a sociedade Na’vi é preservada. Dessa forma, o filme apresenta um final “diferente” do que aconteceu no mundo real: os povos dominados foram exterminados e seu modo de vida esquecido. O anarco-primitivismo propõe uma revolução total na humanidade, que deve buscar o estado selvagem pelo “rewilding” (retorno ao natural). No caso de Avatar, Jake Sully representa a humanidade que se conscientiza e retorna ao modo de vida natural.

Esse discurso encontra suas bases no mito do bom selvagem, um dos ideais do pensamento de Jean Jacques Rousseau (1712-1778), iluminista francês. De acordo com Rousseau (1999), as sociedades primitivas não foram corrompidas por instituições próprias do mundo capitalista moderno. Dessa forma, o homem em seu estado natural é um ser moralmente bom.

os homens nesse estado [de natureza], não tendo entre si nenhuma espécie de relação moral, nem deveres conhecidos, não poderiam ser bons nem maus, e não tinham vícios nem virtudes (...) de sorte que se poderia dizer que os selvagens não são maus justamente por não saberem o que é serem bons, pois não é nem o desenvolvimento das luzes, nem o freio da lei, mas sim a calma das paixões e a ignorância dos vícios que os impedem de proceder mal. (ROUSSEAU, 1999. pág. 168)

Esse mito encontra-se enraizado no imaginário de muitos movimentos ambientalistas e de defesa das populações nativas. Tal pensamento é contestado por outras correntes ambientalistas que enxergam a relação homem-natureza como, essencialmente, desequilibrada. No filme, no entanto, o modo de vida primitivo dos Na’vi expõe uma relação de equilíbrio e sustentabilidade com o meio ambiente. Uma das estratégias discursivas do filme é o uso de uma trilha sonora composta por um etnólogo, o que ambienta o espectador em um primitivismo idealizado.

O discurso ambientalista, em si, é um discurso de natureza híbrida, que utiliza outros discursos para se auto-afirmar como ideologia. É um padrão observado nesse discurso, um apelo maior ao *pathos* do que ao *logos*.

Os efeitos de sentido provocados por essa estratégia discursiva estão na busca em sensibilizar e, ao mesmo tempo, persuadir aquele que recebe a mensagem. É um discurso, portanto, pensado anteriormente e que possui alguns elementos semelhantes a outros discursos, como o político (argumentação), religioso (sacralização e doutrinação) e publicitário (sedução e persuasão).

Considerações Finais



A presença de outros discursos por trás do discurso de Avatar comprova o dialogismo proposto por Bakhtin como a condição do sentido do discurso. O discurso do filme é construído a partir do diálogo e conflito ideológico entre as vozes discursivas.

Um dos objetivos do longa é trazer a discussão ficcional de Avatar para a esfera pública mundial. Para isso, ele usa estratégias enunciativas próprias do discurso ambientalista, além de trabalhar com a comparação visual e narrativa.

Nas cenas iniciais do filme, a floresta de Pandora (Figura 1) parece uma floresta tropical terrestre, assim como a Floresta Amazônica (Figura 2). As escavações em Pandora (Figura 3) são visualmente semelhantes à Serra Pelada, em Carajás (Figura 4). O sentido produzido nesse caso é de que, embora se trate de uma ficção, a situação do satélite é a mesma de muitas regiões do mundo.

Observamos também um padrão de discursos em filmes com temas semelhantes. Tanto em Pocahontas (Disney, 1995), quanto em Atlantis (Disney, 2001), temos a oposição conquistador x conquistado, cada um dos protagonistas pertencente a um desses lados e a passagem do discurso do protagonista de conquistador para conquistado.

A dispersão de enunciados é outro elemento identificado no filme. Observamos que mesmo no discurso ambientalista, também se encontram enunciados políticos (anarco primitivismo), filosóficos (Mito do Bom Selvagem) e antropológicos (nativismo).

De modo geral, o uso de intertextos e as diversas referências⁷ no filme a outros discursos comprovam a existência de um diálogo entre discursos externos ao texto fílmico. Avatar é construído a partir desse dialogismo, considerando-se que “a intertextualidade não é mais uma dimensão derivada, mas, ao contrário, a dimensão primeira de que o texto deriva” (BARROS, 1999 pág. 4).

Referências Bibliográficas

BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Dialogismo, Polifonia e Enunciação**. In: BARROS, Diana Luz Pessoa de; FIORIN, José Luiz (orgs.). **Dialogismo, Polifonia e Intertextualidade**. São Paulo: Edusp, 1999.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1986.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática, 2003.

⁷ Temos como exemplo o enunciado “You’re not in Kansas anymore” – Vocês não estão mais no Kansas, em tradução livre – referência ao livro O Maravilhoso Mágico de Oz (1900).



- COMTE, Auguste. **O Discurso Sobre o Espirito Positivo**. São Paulo: Escala, 2007.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de Textos de Comunicação**. São Paulo: Cortez Editora, 2001.
- POSSENTI, Sírio. **Introdução à Análise do Discurso**. São Paulo: UNICAMP, 1995.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Discurso Sobre a Origem e os Fundamentos da Desigualdade Entre os Homens**. São Paulo: Nova Cultural, 1999.
- SCHMIDT, Mario. **Nova história crítica**. São Paulo: Nova Geração. 2ª Ed, 2006
<http://pt.wikipedia.org/wiki/Anarcoprimitivismo>, Acessado 26/06, às 18:10
<http://ambio.blogspot.com/1999/01/mito-do-bom-selvagem.html> , Acessado 26/06, às 18: 25



ANEXOS

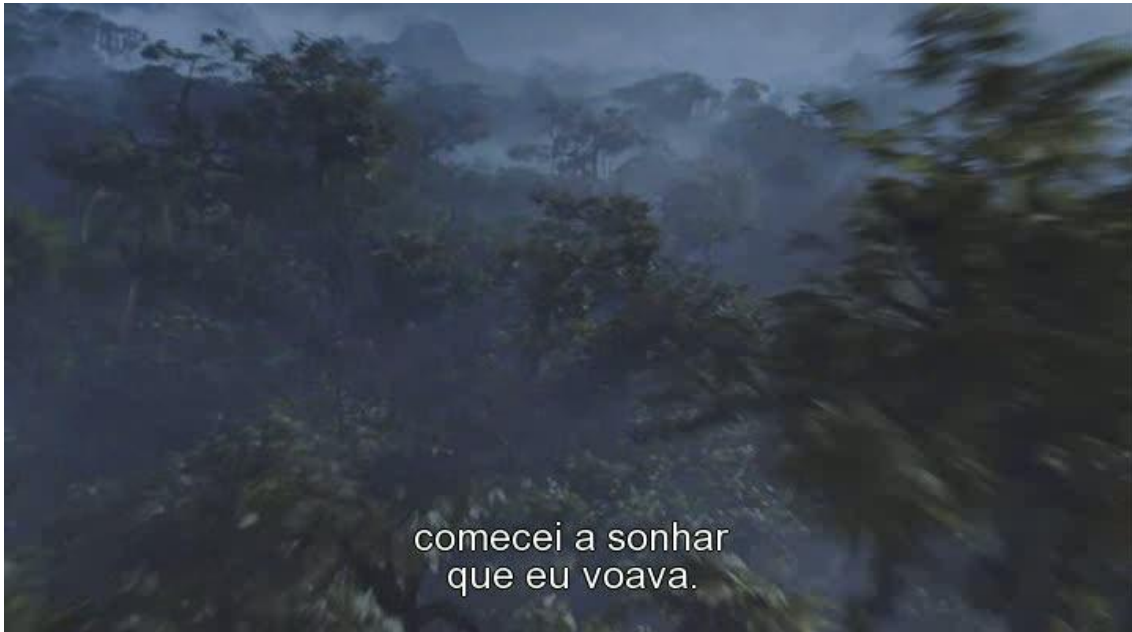


Figura 1

Figura2





Figura 3



Figura 4